

Valorização e musealização da paisagem industrial napolitana: o Parque Urbano de Bagnoli

*Manoela Rossinetti Rufinoni**

Preservation and musealization of the Neapolitan industrial landscape: the Bagnoli Urban Park

RESUMO: Este estudo tem como objetivo analisar as propostas para reutilização de uma extensa área industrial desativada no bairro de Bagnoli, na periferia de Nápoles, Itália. Cenário de decisivas transformações urbanas e sociais, o sítio industrial é hoje considerado um importante patrimônio histórico e cultural da cidade. Nesse contexto, as intervenções em andamento nos conduzem a refletir sobre as questões envolvidas no tratamento desse patrimônio, como a importância do diálogo entre preservação e planejamento urbano e a elaboração de projetos criteriosos ao propor a musealização de paisagens industriais.

Palavras-chave: patrimônio industrial, preservação, Nápoles (Itália)

ABSTRACT: This study aims to review the proposals for urban regeneration in Bagnoli, an extensive former steel industrial area located in the outskirts of Naples, Italy. Once the scenery of crucial urban and social transformation, nowadays, the site is considered an important historical and cultural heritage of the city. In this context, the interventions in progress lead us to reflect upon the issues involved in the preservation of this industrial heritage, such as the importance of dialogue between preservation and urban planning and the elaboration of appropriate projects for the musealization of industrial landscapes.

Keywords: industrial heritage, preservation, Naples (Italy)

* Arquiteta e urbanista formada pela FAU Mackenzie, mestre e doutora em História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo pela FAU-USP. É professora do curso de História da Arte da Universidade Federal de São Paulo, campus Guarulhos, onde é responsável pela cadeira de Patrimônio e Museologia. E-mail: rufinoni@unifesp.br

¹ O presente artigo aborda temas discutidos na tese de doutorado intitulada: Preservação e restauro urbano: teoria e prática de intervenção em sítios industriais de interesse cultural. Pesquisa realizada com o apoio do CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

A expansão do conceito de patrimônio cultural para um grupo cada vez maior de artefatos – notadamente a partir da década de 1960 – abriu caminho para a identificação e reconhecimento do valor cultural de edifícios e sítios relacionados à industrialização¹. Inseridos no conjunto de artefatos contemplados pela ampliação do conceito de patrimônio cultural, várias edificações e espaços ocupados pela indústria passaram a ser estudados e valorizados tanto por sua importância documental, memorial e social, como também por suas especificidades estéticas.

A valorização desse patrimônio foi também impulsionada pelas rápidas transformações econômicas e urbanas que ameaçavam a integridade dessas paisagens, já que a obsolescência ou desocupação de muitas dessas antigas instalações provocava sua rápida demolição e substituição. Nesse contexto, dentre as especificidades dos conjuntos industriais que então começavam a ser identificadas e valorizadas, além do caráter histórico-documental, destacava-se o papel decisivo na caracterização da paisagem, considerando tanto os aspectos formais e espaciais determinados pela peculiar arquitetura industrial, como também as relações sociais originadas e consolidadas em torno da atividade produtiva, aspectos de um cotidiano que moldava o espaço “extrafísico” responsável pela caracterização de certas localidades.

Partindo da observação de tais atributos, a tutela de remanescentes industriais passou a ser vista por alguns pesquisadores como um importante recurso educacional, tanto para o estudo da história da técnica, dos processos produtivos ou equipamentos, como para a abertura de novas perspectivas de análises e releituras históricas sobre o próprio processo de industrialização e as transformações sociais, espaciais, políticas e econômicas dele derivadas (BUCHANAN, 1974: 24-49). A noção de paisagem, por sua vez, fazia emergir a apreciação de certas qualidades estéticas que não residiam nas arquiteturas individualmente significativas, mas justamente nessa composição de conjunto na qual grandiosos edifícios industriais estabeleciam regras próprias de diálogo com o entorno, com as residências operárias, as vias ou os aglomerados pré-existentes que se reordenavam funcionalmente em torno da atividade produtiva. Paralelamente, portanto, aos debates em torno da extensão da ideia de patrimônio e às enunciações da *Carta de Veneza* (1964) e documentos posteriores, as paisagens industriais adquiriam representatividade como patrimônio cultural; e o olhar mais atento para as relações que as compõem permitia desvendar atributos estéticos e formais inesperados, promover novas perspectivas de abordagem sobre a história social e urbana, assim como compreender a atribuição de valor referencial pela população que as vivenciava.

Notadamente a partir da década de 1970, diversos estudos têm se voltado às alternativas para reutilização de edifícios e sítios industriais desativados, e uma série de experiências de reconversão

tem sido implementada. Uma das alternativas mais comuns é o uso cultural. Sempre salientando as evidentes limitações desse recurso – sobretudo devido à grande quantidade e extensão dos sítios industriais de interesse para preservação e que certamente não poderão abrigar apenas usos culturais – uma alternativa que tem apresentado bons resultados são as experiências associadas à musealização desses espaços. Grandes sítios produtivos, áreas representativas do ponto de vista da história da técnica, da arquitetura e da própria inserção em determinados contextos sociais, têm sido explorados como museus de sítio, parques ou ecomuseus (BARBUY, 1995). Tais usos buscam preservar parte dos percursos produtivos e das instalações industriais ou residenciais associadas ao sítio original, transformando-as em parques ou museus que exploram a preservação e a memória do trabalho e da indústria de modo turístico, didático e recreativo, reintegrando as comunidades locais com sua própria história e abrindo possibilidades de estudo e divulgação para o público externo.

Um exemplo de musealização de sítios industriais de interesse cultural que evidencia questões interessantes para debate é o projeto de reutilização das áreas industriais desativadas de Bagnoli, em Nápoles, área que abrigou, entre outros estabelecimentos, uma grande indústria siderúrgica.

O projeto de intervenção no antigo sítio industrial tem sido encarado como uma oportunidade para alçar Nápoles ao cenário internacional, pondo-a “em competição com as grandes metrópoles do mundo no circuito do turismo e dos intercâmbios internacionais” (GIANNÌ, 1995)². A área a ser objeto de intervenção é constituída pela planície de Coroglio, no bairro de Bagnoli, quase toda ocupada pelas antigas estruturas industriais da siderúrgica Ilva-Italsider e da Eternit, antiga fábrica de produtos de cimento amianto. A área compreende cerca de 4,7 km² entre o golfo de Pozzuoli e a colina de Posillipo, em uma bela região litorânea. As atividades industriais na região remontam à segunda metade do século XIX, tendo se intensificado no início do século XX, a partir de diretrizes legislativas que incentivaram a ocupação industrial na região. Um dos setores industriais de maior representatividade em Bagnoli, a siderurgia, instalou-se no bairro em 1910 com a implantação da Ilva, cujas instalações compreendiam todo o ciclo de produção do aço. Cabe ressaltar que a presença do porto foi fundamental para a instalação das indústrias na região, facilitando a chegada de matéria prima e o escoamento dos produtos finais. O período de maior ascensão da Ilva foi ao longo da década de 1960, quando passou a denominar-se Ilva-Italsider. Logo em seguida, contudo, na década de 1970, a empresa entra em declínio, principalmente diante da concorrência da produção japonesa³.

Já nessa época, na década de 1970, o Plano Diretor de Nápoles vislumbrava a possibilidade de destinar parte da área de Coroglio (incluindo áreas ocupadas pela Italsider), para a implantação de áreas verdes

² Para referências sobre outros projetos de revitalização em áreas industriais napolitanas, consultar: RUSSO, 2007.

³ Sobre a história da industrialização e desindustrialização de Nápoles e análise dos planos diretores em diferentes momentos, consultar: CARDILLO, 2006.

e construção de empreendimentos turísticos, buscando explorar as potencialidades da região litorânea. Essas novas funções ocupariam cerca de 30% da planície, e os 70% restantes receberiam atividades produtivas não poluentes e empresas voltadas à pesquisa na área industrial. Tais propostas antecipavam o atual cenário de reconversão da área. No entanto, ainda aconteceria uma última tentativa de reerguer a atividade siderúrgica na região, com a realização de modernizações nos equipamentos e processos produtivos de modo que se adequassem à competitividade internacional. Poucos anos depois, contudo, a produção enfrenta nova crise, e o estabelecimento é definitivamente fechado entre 1989 e 1991. Entre 1991 e 1994 se inicia a desmontagem de algumas instalações da fábrica. As outras atividades industriais da região também entram em decadência na mesma época (STANGHERLIN, 2000: 22-9).

Ainda antes do fechamento total dos estabelecimentos, no final dos anos 1980, a administração municipal já pensava em algumas opções para a reutilização das áreas industriais de Bagnoli. Duas possibilidades eram aventadas: um parque científico e tecnológico, mantendo parte das estruturas industriais existentes ou o aproveitamento da área para fins turísticos. Essas ideias não foram bem recebidas pela comunidade local, pois havia o receio de que a valorização da área expulsasse os moradores tradicionais, em grande parte antigos trabalhadores das fábricas desativadas.

Em 1994 foi elaborado um plano para a recuperação ambiental das áreas desocupadas de Bagnoli, por iniciativa da CIPE (Comitato Interministeriale Programmazione Economica). O plano determinou a desmontagem das indústrias Ilva-Italsider e Eternit e a despoluição dos terrenos. As operações foram também previstas no Plano Diretor de Nápoles, em revisão de 1994. Em síntese, o plano de recuperação objetiva “a formação de um vasto território de baixa densidade construtiva em que atividades produtivas ligadas à pesquisa integram-se com atividades para o turismo, o tempo livre, a cultura” (STANGHERLIN, 2000: 22-9). Especificamente em Coroglio, o plano abrange uma área de aproximadamente 470 hectares. Essa área deverá ser paulatinamente transformada com a construção de um grande parque entre a colina e a praia, com a previsão da recuperação das áreas de areia para atividades de balneário, a criação de um porto turístico, bem como novas edificações para residência e atividades terciárias (Figuras 1 e 2).

As diretrizes para condução dessas transformações foram reunidas no Plano Urbanístico Executivo de Coroglio-Bagnoli, aprovado em 2005 (COMUNE DI NAPOLI, 2000-2003). A desocupação da área para dar espaço aos novos usos iniciou-se já em 1999, quando começaram a ser demolidos alguns equipamentos da siderúrgica, e iniciaram-se os procedimentos técnicos para a despoluição dos terrenos.

Nem todos os testemunhos industriais foram demolidos. Foram selecionadas 16 estruturas, classificadas como de particular interesse arqueológico e/ou arquitetônico, que deverão ser preservadas e reintegradas às novas funções. Inicialmente, o plano de 1994 previa a manutenção de 43 artefatos. Cabe ressaltar, contudo, que por se tratar de uma atividade muito poluente, a escolha dos exemplares do patrimônio industrial a serem mantidos, sobretudo equipamentos, pautou-se por critérios de viabilidade com relação à possibilidade de sua manutenção ou reutilização segura.

O sítio industrial, como resalta Stangherlin, possui numerosos espaços, edifícios e estruturas de grande interesse, como o Cais Norte, que avança sobre o mar por cerca de 750 m, uma enorme

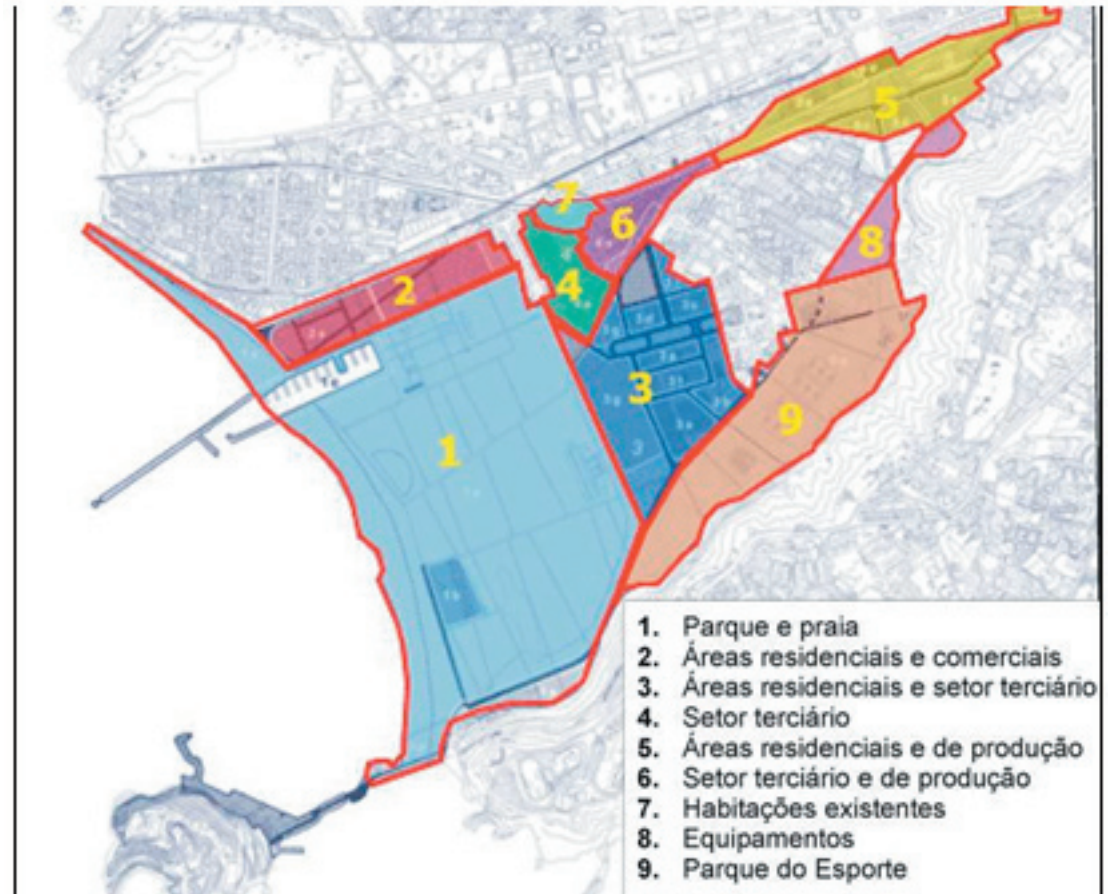


Figura 1. Planície de Coroglio, bairro de Bagnoli, Nápoles, Itália. Mapeamento das futuras intervenções segundo o Plano Urbanístico Executivo. O Parque Urbano será construído na área número 1. Fonte: PUE Coroglio-Bagnoli.



Figura 2. Vista aérea de Coroglio-Bagnoli. Em destaque, o sítio industrial objeto das futuras intervenções. Em vermelho, a primeira etapa das obras. Fonte: RUFINONI, 2009.

chaminé e sobretudo o grande edifício da aciaria, localizado no centro do complexo. Tais estruturas possuem grande representatividade na configuração da paisagem do bairro, bem como na memória dos moradores locais, e têm sido consideradas com atenção desde os primeiros projetos para a área. Na seleção, procurou-se observar, “além dos peculiares valores de caráter arquitetônico e tecnológico dos edifícios e artefatos presentes na área, também, e sobretudo, o atendimento do principal objetivo, presente no Plano Diretor, de formação de um parque urbano sobre grande parte da antiga área industrial”. Parque que, “além de representar o sinal tangível da requalificação, deverá também conservar

o testemunho histórico do passado industrial da região” (STANGHERLIN, 2000: 26-7). Desse modo, procurou-se atentar para os artefatos que pudessem testemunhar o ciclo produtivo do aço com o intuito de promover um percurso didático, e também “espetacular”, no sentido de evocar as diversas fases do processo, mesmo se de modo fragmentário.

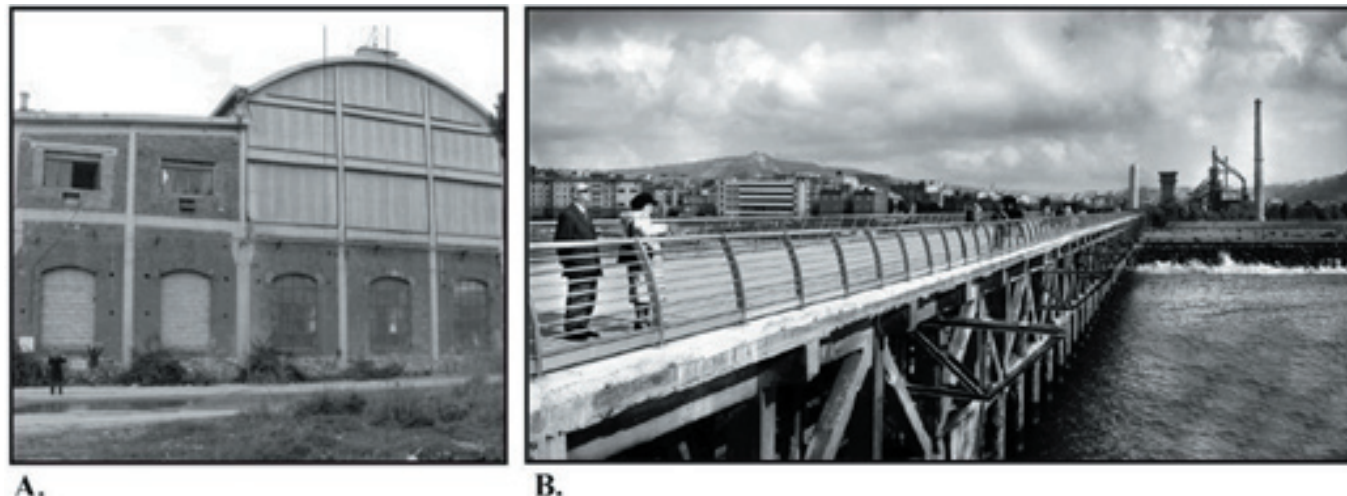
Após a escolha dos 16 artefatos, foram definidas as diretrizes gerais para o tratamento a ser dado a eles, classificando quais deveriam ser preservados integralmente e quais poderiam ter algumas partes desmontadas ou demolidas (principalmente no caso de grandes equipamentos). Entre os artefatos a serem preservados estão o Cais Norte, as instalações para triagem dos materiais fósseis, duas chaminés, a central termoeleétrica, os sistemas de tratamento de água, entre outros (Figuras 3 e 4). Cabe ainda ressaltar que, como previa o Plano Diretor, foram também desenvolvidos planos complementares para determinar quais os novos usos que esses artefatos deveriam receber. Dessa forma, procurou-se definir previamente quais artefatos seriam preservados como equipamentos públicos do parque e quais seriam confiados às funções geridas pela iniciativa privada.

Um dos problemas do projeto de revitalização, apontado por Iaccarino (2005), é a forma pela qual as novas funções têm sido inseridas no bairro, sem buscar dialogar com as atividades já existentes, gerando prejuízos para a população local, que gradativamente se tem afastado da área com a chegada dos grandes investimentos e o aumento dos preços dos imóveis (IACCARINO, 2005: 86). Essa questão possui grande pertinência, pois a realidade urbana e social das áreas residenciais de Bagnoli e dos bairros adjacentes está estreitamente relacionada às antigas atividades industriais ali sediadas,

Figura 3. Artefatos industriais que serão adaptados para novas funções. A: o edifício da aciaria, construído na década de 1960, abrigará a Cidade da Música e um restaurante panorâmico; B: alto forno construído na década de 1950, futuro Museu do Trabalho; C: central de resfriamento de água, construída nos anos 1980, deverá transformar-se em aquário e centro de exposições sobre o mar. Fonte: STU BagnoliFutura.



Figura 4. A: oficina mecânica construída em 1910; será transformada em sede de um instituto de pesquisas. B: Cais Norte, recentemente recuperado como passeio público. Ao fundo, observam-se as grandes estruturas do sítio industrial que marcam a paisagem, sobretudo a grande chaminé e o alto forno. Fonte: STU BagnoliFutura.



e configura, portanto, um importante elemento desse patrimônio. Cabe ressaltar, até mesmo, que a desativação das indústrias de Bagnoli foi motivo de grande comoção no bairro, tanto devido ao receio dos problemas sociais a serem gerados pelo desemprego, como também por razões emotivas, já que uma significativa parcela da população da região nasceu e viveu nesse ambiente em grande parte moldado pela presença das fábricas. Para se ter uma ideia dessa dimensão simbólica, a desocupação industrial de Bagnoli chegou a ser tema de músicas populares⁴, e também de um romance do escritor napolitano Ermano Rea (2002). Não faria sentido, portanto, preservar testemunhos desse passado e destruir, ao mesmo tempo, o próprio contexto social que o faz ainda vivo. No romance de Rea, a desocupação é o cenário para a narração de histórias fictícias de moradores da região cujas vidas são desarticuladas na medida em que as estruturas industriais vão sendo desmontadas. Logo, a desativação da fábrica representa, alegoricamente, a gradativa dissolução dos códigos sociais, das atividades tradicionais e das referências memoriais associadas ao bairro industrial. Nessa passagem, o narrador descreve a gradativa transformação das cotidianidades urbanas do bairro de Bagnoli após o fechamento da siderúrgica:

“Em seguida, a repentina mudança de cena. Repentina? Alguns dizem que aconteceu quase de um dia para o outro, após o fechamento a frio, em 91. Há quem diga, por outro lado, que foi um pouco por vez, como uma morte por hemorragia. Teriam desaparecido em primeiro lugar os vendedores ambulantes, em seguida os trabalhadores dos turnos, depois os empregados, depois os desocupados, depois as prostitutas. Então teriam começado a desligar as luzes dos primeiros estabelecimentos. Uma luz a menos por vez, a intervalos irregulares” (REA, 2002).

⁴ Trata-se da composição ‘Vendo Bagnoli’ do cantor napolitano Edoardo Bennato. A letra ironiza a transformação de Bagnoli em instrumento de lucro: “Ma che occasione, ma che affare / vendo Bagnoli chi la vuol comprare / colline verdi mare blu /avanti chi offre di più / vendo Bagnoli con le ciminiere / però sbrigatevi perché / è un’asta conto fino a tre!”

5

A criação das Sociedades de Transformação Urbana (Società di Trasformazione Urbana – STU) foi definida em lei de 1997 e disciplinada em 2000. Trata-se de um instrumento à disposição das administrações locais com o intuito de viabilizar a realização de intervenções em áreas urbanas consolidadas, previstas em planos urbanos vigentes. Depois de adquirir a área, cabe à STU a função de organizar as atividades de projeto, construção, gestão e comercialização das áreas construídas. No desenvolvimento de atividades de projeto e execução, a STU pode operar de duas formas: recorrendo ao seu próprio pessoal ou buscando a colaboração externa.

As intervenções ainda estão em fase de implantação e precisaríamos acompanhar o andamento do processo para desenvolver análises mais criteriosas. Em 2002 foi criada a Bagnoli Futura, Sociedade de Transformação Urbana (STU)⁵, com a participação de diferentes esferas da administração pública (comune, região e província), que deverão atuar conjuntamente na execução das intervenções previstas pelo Plano Urbanístico Executivo Bagnoli-Coroglio.

A recuperação do Cais Norte foi concluída em 2005, e atualmente estão sendo executadas as obras da primeira fase de implantação do parque (Figuras 5 e 6). O projeto do Parque Urbano de Bagnoli, vencedor de concurso, foi desenvolvido pelo escritório italiano Insula Architettura e Engenharia, com equipe coordenada pelo arquiteto Francesco Cellini. Pelo que pudemos observar nas imagens e descrições até o momento divulgadas, o projeto mostra preocupação em intervir com critério. Segundo a descrição textual do projeto, procurou-se criar novos espaços externos que dialogassem com as estruturas existentes de modo que fosse permitida a leitura desses testemunhos e criado, ao mesmo tempo, um novo ambiente para abrigar as novas atividades. Além da valorização das estruturas industriais, buscou-se ainda evidenciar alguns traços dos antigos percursos produtivos (Figura 6). O grande edifício da aciaria atua como um “ponto de força” na configuração do parque, em torno do qual as novas atividades se desenvolvem. Dessa forma, não foram propostas novas construções grandiosas ou espetaculares, recurso bastante comum nas chamadas obras de “revitalização” de áreas desativadas ou degradadas. As intervenções inserem-se de modo harmonioso, e a grandiosidade coube aos imponentes remanescentes industriais que permanecem como personagens principais na configuração da paisagem (Figuras 7 e 8).

As propostas para Bagnoli remetem-nos às operações realizadas na Alemanha, entre os anos 1980 e 1990, num extenso perímetro que reúne vários sítios industriais, sobretudo vinculados à produção de carvão e à metalurgia, na região NordRhein-Westfalen. Trata-se da região do Emscher Park, no vale do rio Ruhr. As atividades industriais no vale entraram em declínio nos anos 1980, gerando diversos problemas econômicos, sociais e ambientais na região industrial e arredores. A partir de então, iniciou-se a busca por alternativas para a revitalização do local, e, em 1989, foi criado o grupo Internationale Bauausstellung Emscher Park, que iniciou os programas para a instalação de um parque, abrangendo uma área de aproximadamente 800 km².

As intervenções para a criação do parque contaram com detalhada programação, e a execução dos diversos projetos elaborados estendeu-se por dez anos. Tratou-se de um projeto amplo, integrado,

Figura 5. Parque Urbano de Bagnoli. Projeto do escritório Insula Architettura, coordenado por Francesco Cellini. Em destaque, a primeira etapa das obras. As etapas de implantação do parque integram as diretrizes do PUE. Fonte: STU Bagnoli Futura.



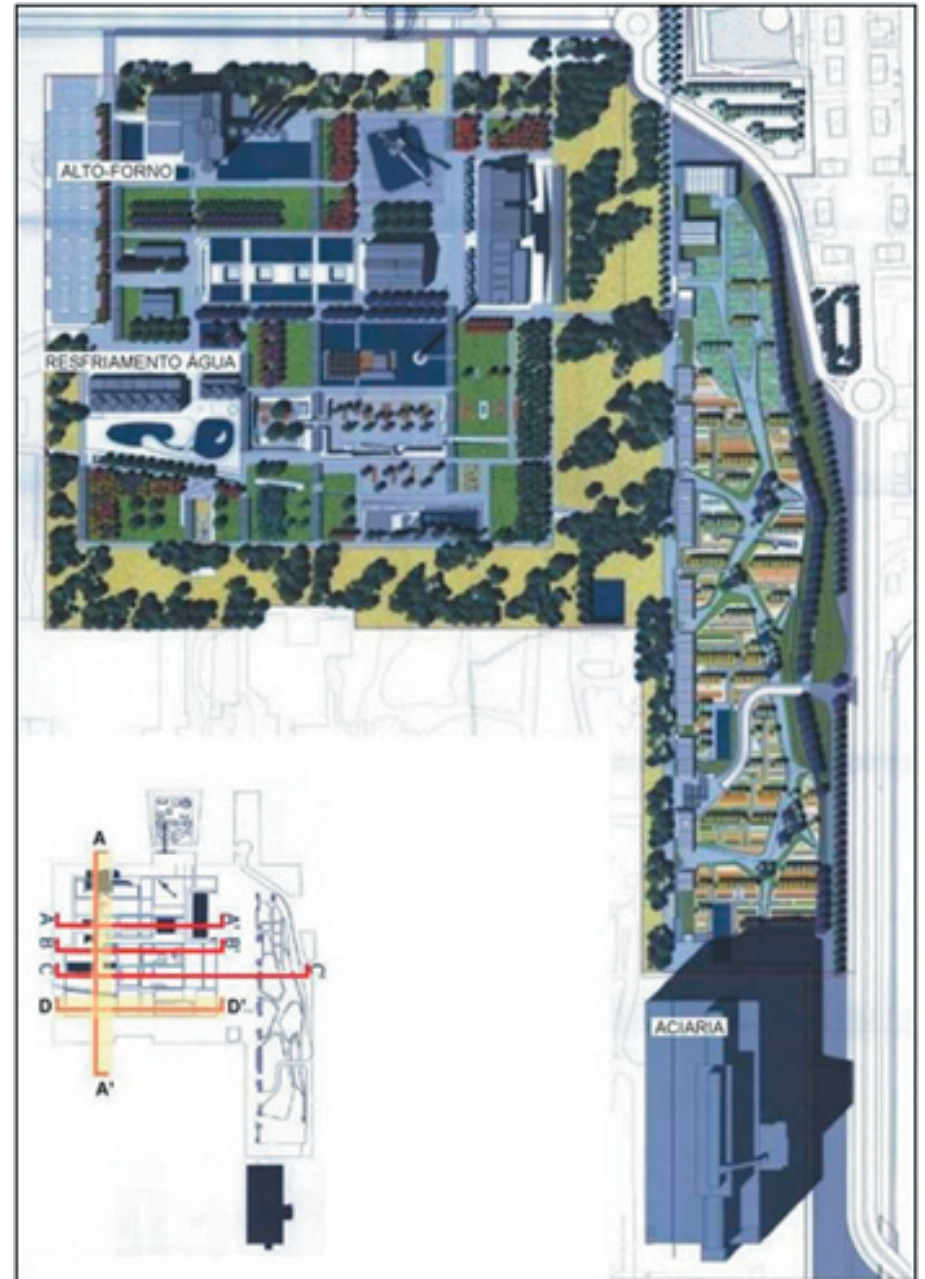


Figura 6. Primeira etapa das obras. Os caminhos do parque procuram seguir a sequência da produção siderúrgica, permitindo um percurso didático. Em destaque, alguns dos artefatos industriais preservados e integrados às novas funções. Fonte: STU BagnoliFutura.

Figura 7. Projeto do parque urbano, perspectivas eletrônicas. As chaminés e estruturas do alto forno dominam a paisagem. Fonte: STU BagnoliFutura.

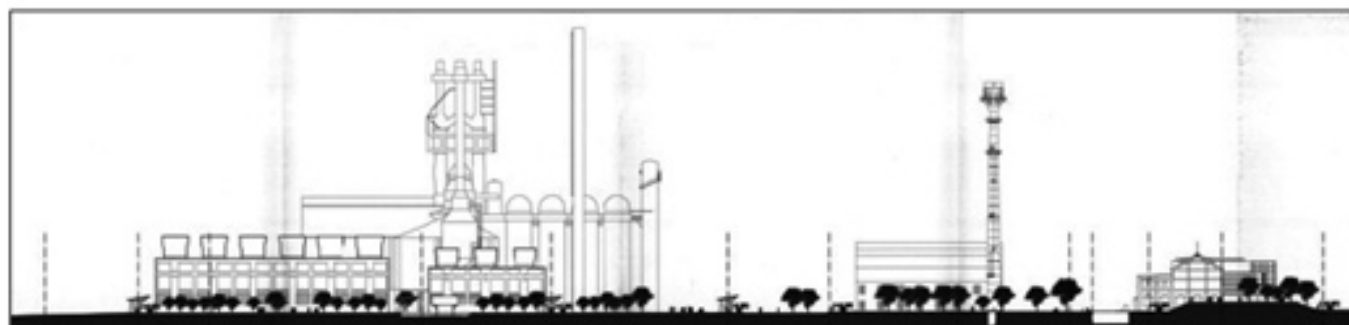
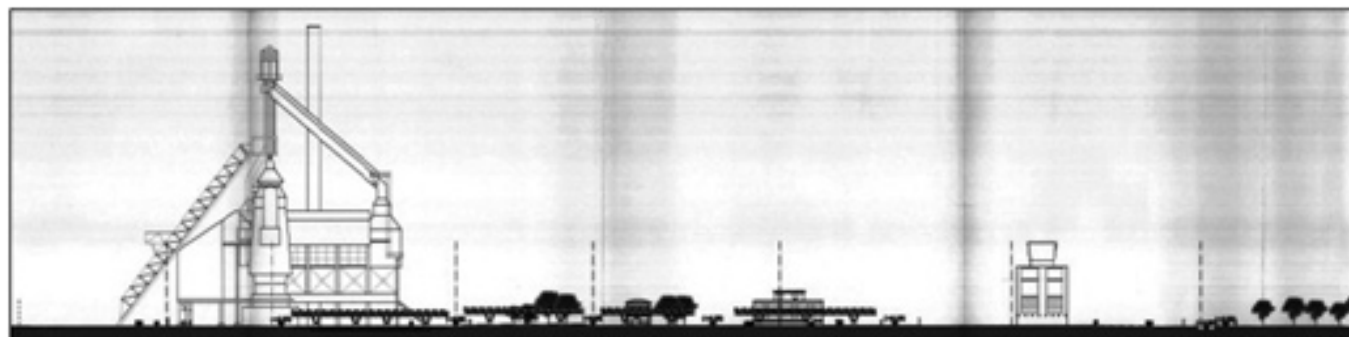


Figura 8. Parque Urbano de Bagnoli. Cortes AA'e DD'. Fonte: STU BagnoliFutura.

pensado previamente para desenvolver-se num prazo longo e que envolveu a participação de várias esferas da administração pública, contando ainda com recursos da União Europeia. Além do planeamento dos objetivos gerais a serem atingidos, foram desenvolvidos mais de cem projetos específicos que abarcaram não somente intervenções nos edifícios industriais desativados, mas também projetos urbanos e paisagísticos (incluindo trilhas para caminhada e ciclovias), projetos para exploração de fontes de energia alternativa, despoluição do local e do rio Emscher, instalação de infraestrutura, recomposição das matas ciliares, construções residenciais e centros de pesquisa. Em síntese, uma série de intervenções integradas que buscaram recuperar a paisagem construída e natural. Os edifícios industriais foram adaptados para novos usos, sobretudo culturais, e algumas estruturas e equipamentos foram incorporados ao parque de modo criativo: um gasômetro foi convertido em espaços para exposições, um tanque de gás, transformado em tanque para mergulho, antigas siderúrgicas abrigaram teatros, antigas fornalhas foram adaptadas como local para escaladas. A intervenção para a criação do parque foi pensada como um todo, e procurou-se determinar os projetos pontuais com base em uma coordenação prévia e de longa duração. Dessa forma, a análise dos artefatos industriais, considerados individualmente e em conjunto, permitiu a visualização de relações e articulações mais complexas, abarcando o espaço circundante, os bairros envolvidos e a própria cidade; um entendimento das relações entre as realidades que compunham aquele espaço (relações econômicas, políticas, sociais, urbanas) que permitiu fornecer as bases para um consistente plano de conjunto⁶. É um exemplo que merece ser acompanhado para verificar-se o desenrolar dessas propostas no tempo e a condução futura dos projetos. Interessa-nos sobretudo destacar que se tratava de uma área em que a questão da degradação abarcava não somente edifícios industriais obsoletos, mas toda uma realidade urbana envoltória e de grande dimensões. Situação que nos remete, indubitavelmente, à abordagem do problema de forma ampla, articulada e integrada ao planejamento urbano e regional, conduzindo a soluções complexas e de longa duração.

⁶ A bibliografia sobre as intervenções realizadas no Vale do Ruhr é extensa. Neste breve comentário, buscamos informações em: KÜHL, 2008: 136-138 e KANIA, 1999-2000: 25-30.

A partir desta breve exposição, observamos que a intervenção no patrimônio urbano industrial requer uma compreensão apurada das especificidades dos artefatos envolvidos em diferentes escalas: as particularidades compositivas de cada edifício ou equipamento, suas relações com o sítio onde está inserido e as relações desse sítio com o bairro circundante e a própria cidade. A apreensão desse complexo sistema de relações deve ser o primeiro passo para a concepção da intervenção como um todo articulado, um entendimento que deverá conduzir à necessária integração interdisciplinar, ou ainda, ao imprescindível diálogo entre as exigências da preservação e as demandas do planejamento urbano. Até o momento, portanto, as experiências em andamento no bairro de Bagnoli – considerando sobretudo

a prévia inserção das intervenções em planos urbanos de maior abrangência e a atenção com relação às estruturas industriais pré-existentes – evidenciam a preocupação em compreender e valorizar as especificidades que compõem esse patrimônio, requisitos fundamentais na condução de quaisquer projetos dessa natureza.

Referências bibliográficas

BARBUY, H. *A conformação dos ecomuseus: elementos para compreensão e análise*. Anais do Museu Paulista, v. 3, 1995, pp. 209-36.

BONDONIO, A. et al. *Il riuso delle aree industriali dismesse in Italia, trenta casi studio*. Firenze: Alinea, 2005.

BUCHANAN, R. A. *Industrial Archaeology in Britain*. Harmondsworth: Penguin, 1974.

CARDILLO, E. *Napoli: l'occasione post-industriale. Da Nitti al piano strategico*. Nápoles: Guida, 2006.

CARTA DE VENEZA. *Il Congresso Internacional de Arquitectos e Técnicos de Monumentos Históricos / ICOMOS*, 1964.

COMUNE DI NAPOLI. *Piano Esecutivo Urbanistico di Coroglio-Bagnoli (PUE)*. Napoli: [s.n.], 2000-2003.

DANSERO, E.; GIAIMO, C.; SPAZIANTE, A. *Se i vuoti si riempiono. Aree industriali dismesse: temi e ricerche*. Firenze: Alinea, 2001.

GIANNÌ, R. *Il centro storico e le aree ex industriali*. Spazio & Società, a. XVIII, n. 69, 1995.

IACCARINO, L. *Ancora il caso Bagnoli: dalla pianificazione urbanistica ai paradossi istituzionali*. Urbanistica Informazioni, a. XXXII, n. 109, 2005.

KANIA, H. *Zollverein XII, Zollverein Colliery and a 13 km² Neighbouring Area Preserving a Large Scale Area inside the Ruhrgebiet*. *Patrimoine de l'Industrie*, n. 1, 1999-2000.

KÜHL, B. M. *Preservação do patrimônio arquitetônico da industrialização: problemas teóricos de restauro*. Cotia: Ateliê Editorial, 2008.

REA, E. *La dismissione*. Milano: BUR, 2002.

RUFINONI, M. R. *Preservação e restauro urbano: teoria e prática de intervenção em sítios industriais de interesse cultural*. Tese (Doutorado). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

RUSSO, M. *Napoli: scenari futuri. La difficile condivisione*. Il Giornale dell'Architettura, n. 47, gennaio 2007, p. 5.

_____. *Aree dismesse: forma e risorsa della "città esistente"*. Napoli: ESI, 1998.

SPAZIANTE, A.; CIOCCHETTI, A. *La riconversione delle aree dismesse: la valutazione, i risultati*. Milano: Franco Angeli, 2006.

STANGHERLIN, B. *L'ex area industriale di Bagnoli: la bonifica degli impianti dismessi e il piano di risanamento ambientale*. Recuperare l'Edilizia, a. 3, n. 13, 2000.